

**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES
“SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS”**

**RELACIONAMENTOS HUMANOS
UM DESAFIO NA MODERNIDADE LÍQUIDA**

***HUMAN RELATIONSHIPS
A CHALLENGE IN LIQUID MODERNITY***

***RELACIONES HUMANAS
UN RETO EN LA MODERNIDAD LÍQUIDA***

PUBLICADO: 09/2023

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i1.4124>

TALLES RENAN SOUZA NICOLETTI

São José do Rio Preto - SP
2021

CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES
“SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS”

RELACIONAMENTOS HUMANOS
Um desafio na modernidade líquida

TALLES RENAN SOUZA NICOLETTI

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Filosofia do Centro de Estudos Superiores “Sagrado Coração de Jesus”, sob a orientação do prof. Padre Luciano Lídio.

São José do Rio Preto – SP
2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

RELACIONAMENTOS HUMANOS
Um desafio na modernidade líquida

TALLES RENAN SOUZA NICOLETTI

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Examinador 1: _____

Examinador 2: _____

São José do Rio Preto
2021

DEDICATÓRIA

Aos meus familiares e colegas do Seminário de Jales, que foram companheiros em todos os momentos durante esta caminhada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser extremamente misericordioso e bondoso comigo, concedendo-me saúde e perseverança para superar as dificuldades do caminho.

À minha família, em especial a minha mãe Gislaine Cristina Nicoletti Souza, a minha irmã Ana Julia Nicoletti Bonello e ao meu padrasto Marcio Antônio Bonello, pelo amor, incentivo e carinho para comigo.

E *in memoriam* ao meu pai Valdemar de Jesus Souza, que hoje contempla a face do Deus vivo e verdadeiro.

Ao meu orientador, professor Padre Luciano Lídio, braço amigo em todas as etapas deste trabalho, pelo seu suporte no pouco tempo que lhe coube e pelas suas correções e incentivos.

Ao meu Bispo diocesano de Jales, Dom José Reginaldo Andrietta, ao Reitor do Seminário “Nossa Senhora da Assunção”, Padre Edvagner Tomaz da Cruz, e à equipe de formação, por acreditarem em minha capacidade e vocação.

A todos os professores desta instituição que contribuíram de forma direta ou indireta para esta minha formação acadêmica.

Aos amigos da turma de Filosofia, de modo especial ao Diemerson Freitas da Cruz, Jean Miguel Evaristo e João Vitor Fakine da Silva, pois juntos trilhamos uma etapa importante em nossas vidas.

E a todos que, com boa intenção, colaboraram para a realização e finalização deste trabalho.

EPÍGRAFE

“No mundo globalizado até mesmo o amor se transformou em um negócio.”

Cláudia Samuel Kessler

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo abordar o conceito e as realidades dos relacionamentos humanos dentro do parâmetro de modernidade líquida, construído pelo sociólogo contemporâneo Zygmunt Bauman. A partir do contexto em que grande parte dos relacionamentos intrapessoais e sociais se liquefazem, por não terem uma consistência e estrutura, pelo advento da indústria cultural e da tecnologia e demais atributos, perde-se o contato humano. Sabendo que o ser humano não consegue viver sozinho, ele busca naturalmente, refúgio em outro ser humano tentando acalantar a solidão presente que se estabeleceu com a chegada da modernidade líquida, com o intuito de criar laços consistentes e encontrar um sentido a sua vida. O presente trabalho abordará também caminhos para que o sujeito consiga ter bons relacionamentos em todas as suas dimensões e convivência, edificando-o por meio do diálogo, amor e da espiritualidade. A metodologia usada foi a fenomenológico-hermenêutica.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia. Relacionamentos. Amor. Espiritualidade.

ABSTRACT

This present work has an objective to approach not only the concept but also the reality of the human relationships based on the Liquid Modernity, from the contemporary sociologist, Zigmunt Bauman. Considering the context that the most part of our relationships, intrapersonal and social liquefy, given that they don't have consistency and structure due to the advent of the cultural industry and the technology as well. So, the human contact get lost. We know that a humans cannot live alone, and because of that, they naturally search refuge in another human being, trying to minimize the loneliness that appears with the coming of the liquid modernity. That happens with the purpose of making strong relations, and also, given a meaning to life. This present work will also approach some ways on how someone can get good relationships in all of its dimensions and acquaintanceship, edifying the person with dialogue, love and spirituality. The methodology used was the phenomenological-hermeneutic.

KEYWORDS: Technology. Relationships. Love. Spirituality.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo abordar el concepto y las realidades de las relaciones humanas dentro del parámetro de la modernidad líquida, construido por el sociólogo contemporáneo Zygmunt Bauman. Desde el contexto en el que se licuan la mayoría de las relaciones intrapersonales y sociales, porque no tienen consistencia y estructura, por el advenimiento de la industria cultural y la tecnología y otros atributos, se pierde el contacto humano. Sabiendo que el ser humano no puede vivir solo, naturalmente busca refugio en otro ser humano tratando de apreciar la soledad presente que se estableció con la llegada de la modernidad líquida, con el fin de crear vínculos consistentes y encontrar un sentido a su vida. El presente trabajo también abordará formas para que el sujeto pueda tener buenas relaciones en todas sus dimensiones y convivencia, construyéndolas a través del diálogo, el amor y la espiritualidad. La metodología utilizada fue fenomenológica-hermenéutica.

PALABRAS CLAVE: Tecnología. Relaciones. Amar. Espiritualidad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – MODERNIDADE LÍQUIDA	10
1.1 - O conceito de liquidez.....	10
1.2 - O advento da tecnologia.....	12
1.2.1 – O período infantil na era digital.....	13
1.2.2 - Consequências da internet na vida pessoal e social.....	14
1.3 – Sociedade consumidora no âmbito relacional.....	15
CAPÍTULO II – RELACIONAMENTOS HUMANOS	17
2.1 - O relacionamento consigo.....	17
2.2 – O relacionamento familiar.....	19
2.3 – O relacionamento com o outro.....	22
2.3.1 - O diálogo como ponte de relacionamento.....	23
CAPÍTULO III – CAMINHOS COMO POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO E SUPERANÇA	25
3.1 - O sentido da vida como motivo de superação.....	25
3.2 – O amor na perspectiva cristã.....	27
3.2.1 - O amor <i>Philia</i>	30
3.2.2 - O amor <i>Éros</i>	30
3.2.3 - O amor <i>Ágape</i>	30
3.3 – A espiritualidade como meio de crescimento.....	31
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

A partir da Revolução Industrial, iniciado na Inglaterra na segunda metade do século XVIII, a História e o ser humano passaram por muitas realidades distintas, no entanto, interligadas.

O ser humano passou a ser membro ininterrupto deste corpo que é a indústria e tudo o que nela se sustenta. O capitalismo como forma de escravidão, deixou o ser humano ainda mais ambicioso pela conquista do poder e pelo alcance indesejável de um status diante da sociedade.

A arte também foi alcançada, se transformando em uma indústria cultural, ou seja, a conversão da cultura em mercadoria. A produção cultural e intelectual passa a ser guiada pela possibilidade de consumo mercadológico da massa.

Juntamente com a Cultura, a chegada da internet em 1969 e com tudo do que provém da Revolução Industrial, o ser humano passou a ser um alvo fácil para a dominação. Com isso o jogo se inverteu, e o ser humano passou a ser dominado por aquilo que ele inventou.

Não o bastante, os seus relacionamentos foram alcançados por essa Indústria maçante e dominadora. O resultado disso tudo: uma crise existencial, isolamentos, ressentimentos até o ato limite de suicídio.

Diante desses contextos, percebemos uma sociedade cada vez mais frágil, insegura e líquida, ou seja, todos os campos do relacionar humano passaram a não ter uma solidez ou consistência, sendo fluido.

A interferência é gritante nos relacionamentos humanos, começando por si mesmo, pelo egocentrismo, angústias, depressões; passando pelo relacionamento familiar, perdendo o diálogo, o companheirismo, chegando ao divórcio, e refletindo assim, no convívio social, marcado pelo isolamento.

No entanto, há possibilidades para melhorar os relacionamentos como o diálogo, o amor cristão e a espiritualidade, sendo estes, caminhos para encontrar sentido na vida e nos relacionamentos.

Percebemos então, o quanto esta modernidade, desde a sua gênese, caminhou por mãos humanas até chegar aos dias atuais, se transformando em uma sociedade líquida, porém, passível de ressignificação.

CAPÍTULO I

MODERNIDADE LÍQUIDA

Diante do contexto que se vive, uma modernidade que se torna líquida, este capítulo abordará os reflexos da tecnologia e da sociedade consumidora, em especial nos relacionamentos humanos, ambas provindas da revolução e da inteligência humana, percebidas como uma das principais causas e efeitos no âmbito relacional. Embora a tecnologia traga os seus benefícios, quando usada de maneira sábia e prudente, traz consigo também, um domínio sobre o ser humano, com reflexos em seus mais diversos campos de relacionamentos.

O consumismo também faz parte deste contexto. Muito mais do que comprar e satisfazer os desejos aguçados e incontroláveis, é perceber a perda de sentido da vida quando se prioriza o consumo como forma da realização humana. A partir do momento que o ser humano centraliza o consumo, os laços relacionais são afetados. Decorrem-se então discussões, desuniões e até a fatalidade da morte, quando os bens são repartidos como herança.

Diante desta realidade, percebe-se que os relacionamentos humanos se tornaram também um mercado-amoroso¹ - influenciado pelas redes sociais, fazendo da pessoa um objeto de consumo, transformando o amor em uma mercadoria. A pessoa supre as suas necessidades e, quando não está mais satisfeito, troca de indivíduo. O amor é a base de todo relacionamento, mas deixou-se de ser uma escolha para ser uma realidade de descarte. O ser humano não é valorizado por aquilo que ele é em sua integridade, mas por aquilo que ele possui.

1.1. O conceito de liquidez

De acordo com Bauman² (2001), liquidez é uma forma de linguagem metafórica afirmando que são realidades ou circunstâncias que não conseguem manter a sua forma e estão sempre propensos a mudanças. São como fluídos que escorrem, respingam, transbordam, contornam obstáculos e não conseguem se firmar.

Para Bauman (2009), o conceito de liquidez está estritamente ligado com a forma e com o tempo. A forma, por assim dizer, remete a uma característica dentro do espaço e no tempo que o autor refere a uma modernidade líquida. É que a sociedade perdeu a característica de sua forma solidificada e edificada durante o percurso da história e que, esta não se mantém por muito tempo.

¹ Indo além da expressão *mercado amoroso*, poder-se-ia também utilizar a expressão *mercado dos relacionamentos*, a qual não estaria ligada a uma ideia de amor, mas que também estaria relacionada com a ideia de amor-consumo, referente a um aumento da segmentação de grupos e da satisfação de um mercado que visa a diversos tipos de consumidores-produtores. (Kessler, 2013, p. 367 e 368).

² Zygmunt Bauman (1925 - 2017), sociólogo polonês, iniciou sua carreira na Universidade de Versóvia, onde ocupou a cátedra de Sociologia Geral. Teve artigos e livros censurados e em 1968 foi afastado da Universidade. Logo em seguida deixou a Polônia, reconstruindo sua vida no Canadá, Estados Unidos e Austrália, até se radicar na Grã-Bretanha, onde em 1971 se tornou professor titular de Sociologia da Universidade de Leeds, cargo que ocupou por 20 anos. Responsável por uma prodigiosa produção intelectual, recebeu os prêmios Amalfi (em 1989, pelo livro *Modernidade e holocausto*) e Adorno (em 1998, pelo conjunto da obra). Foi responsável pela criação do conceito *modernidade líquida*, o qual expressa que estamos vivendo tempos de instabilidade e volatilidade.

De acordo com o autor, a liquidez da modernidade e da vida estão intimamente interligadas e elas se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida é uma condição que tende a ser levada adiante numa sociedade líquido-moderna. E a liquidez de uma sociedade são as condições sob as quais os indivíduos agem num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação de hábitos, rotinas e das formas de agir. Uma sociedade líquida-moderna não pode manter a forma ou permanecer por muito tempo em sua solidez. Em suma, a liquidez edificada na vida e na sociedade, torna-as mais precárias pois, vive-se em condições de incertezas e constantes mudanças.

Pelo fato de os líquidos não terem a capacidade de manter a forma, eles fluem, se movem facilmente e escorrem. Nesse sentido, percebe-se que a modernidade não tem uma forma definida e tudo aquilo que abrange o viver humano, como por exemplo os seus relacionamentos, é facilmente fluído.

Não há muitas certezas diante desta realidade em que se vive, pois, em um piscar de olhos tudo muda e quando se vê, tudo o que conquistou e as realidades que circundam a vida humana escorrem, se fazendo passageira. A vida líquida é vivida em condições de incertezas constantes.

De acordo com Felczak (2015), a modernidade líquida está justamente na incapacidade do indivíduo e da sociedade de manter a forma. Com o tempo tudo muda, sem ter garantias de nada.

A atualidade é conceituada por Zygmunt Bauman como 'modernidade líquida', pela incapacidade de manter a forma. As relações, instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar (Felczak, 2015, p. 01).

A partir desse momento, percebe-se a insegurança e o medo que passam a fazer parte da vida por não ter nenhuma garantia para o futuro e por isso, seja mais difícil fazer cálculos exatos, arriscando-se em prever tendências futuras a partir de eventos passados.

No entanto, segundo Bauman (2009), há uma preocupação que também se faz do tamanho das incertezas futuras; não perceber e não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos que se sucedem na sociedade. O autor é muito claro, quando adverte que a sucessão de eventos futuros não pode pegar-nos dormindo.

E a partir dessas sucessões de eventos futuros, Bauman (2009) esclarece que a vida líquida também é uma sucessão de reinícios, justamente porque ela está entrelaçada com os acontecimentos. E nesse aspecto de sucessões dos eventos futuros é que a sociedade e os relacionamentos humanos não conseguem manter a forma, pois tudo está em um constante movimento de incertezas.

De acordo com Borges e Avila (2015), a modernidade sólida vivenciada na sociedade moderna nos séculos XVIII e XIX perdeu o seu contexto de firmeza, uma vez que, atualmente, a sociedade vive um estado de liquidez nas relações humanas, econômicas e políticas. Cada vez mais esses meios que envolvem os indivíduos vão se tornando fluidos e flexíveis.

Nesse sentido, Bauman utiliza a expressão "líquida" justamente para fazer uma analogia entre as características deste estado físico de uma matéria em relação à sociedade

contemporânea, associando a instabilidade deste estado físico com as inseguranças e incertezas da sociedade e de tudo que abrange o viver humano.

Sendo assim, a modernidade atual ou “líquida” se caracteriza pelas incertezas, pela instabilidade, instantâneo e consumismo, na qual, tudo pode escoar de nossas mãos a qualquer momento.

1.2. O advento da tecnologia

Para se entender o advento da tecnologia moderna, se faz necessário retroceder brevemente há milhares de anos antes de Cristo, para podermos entender o percurso realizado até chegar à contemporaneidade. Remotamente, há milhares de anos antes de Cristo, o homem buscava feitos em materiais da própria natureza para satisfazer suas necessidades e da comunidade presente. A criação do fogo, por exemplo, pelos povos primitivos *Homo erectus* – o ancestral do homem moderno – cerca de 7 mil anos a.C, foi um descobrimento importantíssimo para o desenvolvimento da humanidade. Com ela, o homem empenhava-se energeticamente em produzir as primeiras faíscas por meio de pedras ou pedaços de madeiras.

A construção das Pirâmides do Egito, datadas em 2.500 anos a.C, bem como a lança, a roda, armadilhas remotas e outros feitos posteriores, fizeram com que o homem fosse desenvolvendo as suas capacidades. Percebe-se que ao longo do tempo, o homem foi se capacitando, e conseqüentemente, desenvolvendo novos meios, que futuramente, passaria a fazer parte de uma forma intrínseca à vida e começasse a dominar o próprio ser humano.

Com a chegada da Revolução Industrial na segunda metade do século XVIII, inicialmente na Inglaterra, depois de ter percorrido um longo caminho de adventos tecnológicos remotos, fez com que as veredas tecnológicas avançassem de forma rápida e consistentes. No entanto, a busca incessante do homem pela dominação e poder fez com que a tecnologia encontrasse um outro modo de ser vista e vivida, e assim, a solidez ganhada e edificada há milhares de anos perdeu-se pelo caminho, transformando a sociedade, onde não há consistência e a tecnologia é a dominadora.

De acordo com Bauman (2001), a tecnologia corrobora no homem uma liberdade sem precedentes face aos obstáculos físicos e uma capacidade inaudita de se mover e unir pela distância. Por meio destes avanços tecnológicos, um papel particularmente importante foi desempenhado pelo transporte da informação; o tipo de comunicação que não envolve o movimento de corpos físicos. Desenvolveram, de forma consistente e eficaz, meios técnicos que permitiram a informação “viajar”, independente dos seus portadores, dos objetos sobre os quais informava e do lugar.

Em face deste avanço tecnológico, percebe-se que a maior parte do estilo de vida está intrínseco a tecnologia, tornando os relacionamentos humanos superficiais. Na maior parte do tempo, o homem está conectado com um mundo virtual que agora, de uma forma direta ou indireta faz parte de sua vida, e ao mesmo tempo, uma dominação que transforma e aliena³.

³ Termo utilizado para corresponder a uma pessoa que não tem interesse ou capacidade de compreender a realidade que o cerca. Uma irracionalidade do ser humano diante de uma realidade, na qual, lhe domina.

Com a tecnologia avançada, o ser humano passou a ter grande ansiedade por respostas instantâneas, provindas dos smartphones, computadores ou outros meios tecnológicos que se pretende manter contato; em todo caso, isso cresce no próprio ser humano um desejo demasiado pela busca de soluções e respostas, esquecendo que o próprio tempo é pedagógico.

No entanto, percebe-se também, que a tecnologia tem grande valia para o ser humano em muitas situações, como na necessidade de comunicação e pesquisas instantâneas, trocas de informações, na capacidade de aprendizagem a distância e encontros virtuais.

A incorporação dos recursos quase ilimitados da internet tem o seu papel singular e importante para a construção da sociedade. A tecnologia pode ser entendida como uma das novas linguagens que o homem utiliza na construção social para transformar as relações socioeconômicas e culturais, além do próprio acúmulo e transmissão do conhecimento, denotando uma característica típica de uma civilização.

1.2.1. O período infantil na era digital

De acordo com Santaella e Serres (2004; 2012 *apud* Borges; Avila, 2015), a era digital é o contexto atual da sociedade que está sendo extremamente desenvolvida pela tecnologia, onde pessoas, sobretudo as crianças, acessam e interagem por meio das hipermídias com as suas múltiplas linguagens. São tecnologias digitais de informação e comunicação que fortalece e descreve esta nova sociedade.

Segundo as autoras, as crianças que nascem nessa era digital tem o seu sentimento de infância e comportamentos transformados com as mudanças que ocorrem na sociedade. Sobre esse período infantil, em que as crianças crescem neste contexto de era digital, questionam:

Em uma sociedade em que o indivíduo é o foco, em que o consumismo é uma válvula de escape e os limites entre tempo e espaço estão cada vez menores, que infâncias encontramos? Reconhecemos que a criança também faz parte desta modernidade líquida, é influenciada por ela e também influencia a constituição deste modo de vida [...] elas também convivem no estado de fluidez, assim como seus pais (Borges; Avila, 2015, p.103 e 107).

Percebe-se que a criança cresce em mundo cada vez mais tecnológico e virtual. A experiência obtida durante os anos de 2020 e, 2021, em questão da pandemia do novo Coronavírus, alertou-nos sobre a prematuridade das crianças de estarem conectadas a celulares e computadores com internet, pela necessidade da continuação dos estudos em aulas remotas. No entanto, com essa experiência obtida, percebemos que as crianças crescerão com uma vontade mais aguçada de estarem conectadas com outras realidades que as entretém. A esse respeito, os adolescentes já estavam rendidos à tecnologia, agora, as crianças passarão a fazer parte deste estilo de vida adquirido.

Com o advento da tecnologia, a internet passa a ser o meio em que as pessoas, em especial crianças e adolescentes, buscam entretenimento, fazendo com que, o tempo natural da própria fase perca o seu sentido e se liquefaz. O tempo de brincar, de correr, de suar; o tempo de cair, de chorar, de levantar, é agora substituído pela tela do celular.

Para Borges e Avila (2015), as crianças recebem muitos conteúdos com apenas um clique e que, a partir disso se comunicam, se informam e ainda mais, brincam com o entretenimento durante a sua fase de infância.

Para as autoras acima, as crianças convivendo nessa era de fluidez midiática – assim como seus pais - crescem com o sentimento de inseguranças, incertezas e falta de garantias, e conseqüentemente, desde muito cedo, têm que conviver e saber lidar com todas essas realidades.

Nesta modernidade líquida de contexto tecnológico, as crianças fazem parte, como também, vivem dentro desse contexto líquido e digital, influenciando, transformando e construindo a sociedade. A criança da era digital não é apenas espectadora, mas é também, construtora.

1.2.2. Consequências da internet na vida pessoal e social

De acordo com Cabreira (2013), uma das características deste período de modernidade líquida é uma emergência singular da mídia computacional, ou seja, a internet; diferentemente de alguns anos atrás, quando a comunicação era baseada em cartas, rádio, telefone e televisão; a internet abriu novos caminhos e trouxe consigo muitas possibilidades de comunicação e ao mesmo tempo de interação social.

Percebe-se que a evolução da internet provocou uma revolução na sociedade. Essa revolução tem uma grande parcela para que a atualidade chegasse a esse ponto de virtualidade. A comunicação midiática nos tempos atuais trouxe aos indivíduos a possibilidade de interação e ao mesmo tempo de aproximação; chamadas de vídeo, aulas por meio de plataformas virtuais, grupos virtuais com pessoas, e tudo mais que é possível para aproximar e oferecer aos indivíduos os mais diversos recursos.

No entanto, segundo Cabreira (2013), essa sociedade permeada de tecnologias trouxe uma grande abertura para uma crise existencial, ou seja, ao mesmo tempo que aproxima, ainda se encontra longe. E por acreditar em uma aproximação virtual que satisfaça a existencialidade humana, cria-se um mundo líquido, flexível e instantâneo, e o indivíduo percebe que não está tão próximo de si o quanto desejaria.

De acordo com Oliveira (2012), com o aumento da tecnologia inserida no contexto atual, a relação humana “eu e tu” foi alterada. Há uma grande diminuição do “outro” e uma super valorização do “eu”, em que, o individualismo é tomado como grande sujeito dessa alteração nas relações humanas. Esse novo tipo de interação por meio da virtualidade confunde a relação e o indivíduo é apresentado por um “quadro de exibição”, no qual, se coloca muitas das informações pessoais, o chamado “perfil pessoal”.

De acordo com Oliveira (2012), uma das características e talvez a mais marcante neste período de modernidade líquida, foi o acelerado processo do homem moderno, gerando assim, a individualização. E essa individualização tem como consequência a procura incessante, do indivíduo na sociedade e no mercado, de um sentido à vida e ao prazer pessoal, perdendo assim,

a valorização do outro e o sentido de solidariedade mútua, como também, gerando inúmeras frustrações.

Outra consequência da individualização da sociedade e dos seus membros que a compõe, de acordo com Oliveira (2012), é a desintegração da cidadania e a falta de sentido do verdadeiro espaço público, transformando-se em ambientes de discussão de vida privada.

A questão pública transforma-se na exibição e troca de informações sobre a questão privada, numa forma de terapia pessoal[...] dessa forma, a política pública também se esvaziou de conteúdo verdadeiramente público, da tarefa de cuidar dos interesses públicos e trata de cuidar dos interesses econômicos privados, cedendo às pressões do capital (Oliveira, 2012; p. 31).

Assim, portanto, percebe-se que o espaço público perde o seu valor e significado - pelo qual é verdadeiramente inserido na sociedade - de tratar sobre questões e necessidades públicas para o bem comum, bem como, a tecnologia auxilia ou até mesmo pode atrapalhar, se não for usada de forma prudente e sábia.

1.3. Sociedade consumidora no âmbito relacional

Segundo Bauman (1999), a sociedade contemporânea é uma sociedade de consumo. Todas as pessoas consomem há muito tempo, tempos imemoriais para a compreensão do ser humano. E nesse ato de consumir, o ser humano é moldado de acordo com a vontade imposta por esta sociedade, refletindo também, em seus relacionamentos.

A pergunta imposta por Bauman (1999), faz refletir acerca da maneira como estamos vivendo; consome para viver ou vive para consumir? Em qualquer das possibilidades que se tente responder ambas perguntas, o sujeito cairá no domínio do consumo. O consumismo leva o ser humano a um desejo contínuo e diário de hábitos que, a partir do momento que o satisfaz é atormentado por novos desejos. A ânsia de estar em uma vereda de consumo, movido por prazeres e desejos, faz o ser humano, cegamente, perder o sentido da existencialidade da vida.

De acordo com Ássimos; Pinto; Afonseca (2019), percebe-se que essa sociedade de consumo é permeada de sentimentos, prazeres e emoções, refletindo de forma direta nos relacionamentos do ser humano. Além do mais, os bens, o capital e todo o mecanismo que envolve as situações exteriores também fazem parte desta interferência nas relações humanas.

A cada vez que o consumismo é integrado no relacionamento humano, é esquecido o valor que se tem, refletindo até na pessoa do outro. Individualismo, egos excessivos, brigas e desuniões, começam a fazer parte do relacionamento no momento que a centralidade não é mais a doação e o amor, e sim, os bens materiais. Uma pessoa que carrega o peso do consumismo não é livre totalmente para poder amar o outro.

De acordo com Kessler (2013), na vivência desta modernidade líquida, a busca pelo amor é uma vereda insaciável pela realização individual. Para se obter o sucesso ou até mesmo o fracasso no amor, depende exclusivamente do indivíduo, pois o relacionamento se tornou uma estratégia de conquista e de troca. No momento que o relacionamento enfrenta uma dificuldade, perde-se a pedagogia do tempo, tendo como centro e fundamento relacional a pressa seguida pelas frustrações, tendo consequência as desuniões.

O consumismo, reagindo no coração humano, retira dele a crença de liberdade. É quebrado o paradigma da solidez relacional com um suposto domínio da liberdade de consumo. O indivíduo supõe que está no controle, sendo que na verdade, está sendo controlado.

É muito fácil o relacionamento tornar-se um negócio de mercado-amoroso. O ser humano não é mais valorizado por aquilo que ele é, e sim por aquilo que ele têm. Diante do contexto atual, os bens de consumo inundam o coração do ser humano, norteando as suas relações e laços entre si.

De acordo com Kessler (2013), neste mercado-relacional, existem também sites amorosos que visam empregar no sujeito a liberdade de escolha de um/a parceiro/a ideal, fundamentando a crença de sua escolha de acordo com o perfil que lhe foi montado e apresentado. Esses sites são responsáveis por oferecer dicas e regras a essas pessoas com o intuito de terem sucesso diante de uma conquista relacional; orientam posturas e comportamentos, elaboram frases de efeitos e faz que o amor seja colocado em uma “vitrine social”, com uma oportunidade de escolha e de descarte.

O mundo globalizado facilitou essa aproximação, no entanto, não é uma aproximação segura, pois, quando “cai” na rede virtual as singularidades, é difícil de retirar depois e a pessoa fica exposta para todo o mundo.

Segundo Papa Francisco (2015), a contemporaneidade gera no indivíduo inseguranças que por sua vez refletir-se-á em formas de egoísmos coletivos. Quando o indivíduo perde o sentido da vida e a liberdade em si, aumenta a sua voracidade de desejos pelo consumo. Quanto mais vazio está o coração da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir.

A obsessão por um estilo de vida ideal, imposta pela sociedade consumidora, principalmente quando poucos têm a possibilidade de manter este estilo de vida, gera violência, autodestruição e acima de tudo, desigualdades. Diante desta realidade, observa-se que o ato de comprar é sempre um ato moral e não apenas econômico.

De acordo com Bauman (2004), o relacionamento que é mais custoso diante de toda a modernidade é com os filhos. Eles estão entre as aquisições mais caras que os pais podem ter ao longo da vida. O ato de comprar já tem seu início no nascimento do filho, com roupas e mantimentos, e com o passar dos anos, têm que sustentar este consumo pelo avanço da idade e mudança de fases, bem como, nos estudos, passeios e outras situações. Com isso, não é barato sustentar um filho ou mais, porque o ato de comprar e consumir está velado atrás do amor, por isso que, os pais tem que refletir bem, pois, ter filhos em nossa época é uma decisão e não um acidente.

CAPÍTULO II

RELACIONAMENTOS HUMANOS

O homem contemporâneo encontra, diante desta modernidade líquida, muitos desafios para viver e principalmente para se relacionar. Sabendo que o ser humano não foi criado para viver sozinho, necessita ele, de relacionamentos que lhe possa, de alguma maneira, dividir os desafios e as alegrias da vida e da sociedade com um outro semelhante. Neste capítulo, tratar-se-á a respeito de três relacionamentos que envolvem o indivíduo: consigo, familiar e com o outro.

Quanto ao primeiro tópico, o Relacionamento Consigo está embasado no amor próprio, uma vez que o ser humano só pode oferecer ao outro aquilo que já possui, isto é, para oferecer amor, perdão e outras virtudes ao outro, antes de tudo, o indivíduo já tem que estar na posse dessas virtudes. Outra questão é que o indivíduo tem que estar atento para que o amor próprio não se torne causa de egoísmo, mas saber vivê-lo de maneira sábia e prudente.

No segundo tópico, o presente trabalho aborda a respeito do Relacionamento familiar, no âmbito conjugal e filial. Apresenta os desafios mais recorrentes diante desta sociedade, para se viver este belo relacionamento. Tendo consciência de que a família é a base de todo ser humano, nela, encontra-se a verdadeira fonte para se tornar um bom indivíduo, por meio dos valores éticos e morais adquiridos.

E, no terceiro tópico, o Relacionamento com o outro, o presente trabalho irá abordar o contexto afetivo e social, formando assim, uma realidade ampla, na qual o sujeito está inserido.

2.1. O relacionamento consigo

O relacionamento consigo é sempre um convite para reconhecer o valor e a dignidade que habita em si próprio, tendo como base, o amor próprio. Bauman (2004) faz um questionamento profundo acerca do amor próprio: o que eu amo em mim, quando eu me amo? É um questionamento que faz abrir os horizontes acerca do sentido da vida.

É dentro desse primeiro contexto, que deverá ser cultivado o amor. Relacionar-se consigo, é antes de tudo, o primeiro passo para relacionar-se com as outras pessoas. E neste campo de relacionar consigo, entra a aceitação do próprio indivíduo. De acordo com Fromm (1976) todos sentem a necessidade de sentir amado, assistem a infindável número de filmes sobre histórias de amor, ouvem centenas de canções que falam do mesmo, no entanto, quase ninguém pensa que o amor necessita ser aprendido e construído.

A existência humana tem sentido quando encontra um motivo para continuar. Relacionar consigo é sempre um caminho a desbravar, no entanto, o encontro consigo pode ser uma surpresa, sendo agradável ou não. Há particularidades que existem no indivíduo e que são desconhecidas e, durante algum momento da vida, é bem provável que se depare com algumas dessas particularidades e ficará surpreso. O bonito da vida é isto: o ser humano estará sempre se descobrindo. Nunca haverá uma linha de chegada, na qual, se possa dizer: "já me conheço totalmente!". A vida é dinâmica e o ser humano estará sempre se buscando e se conhecendo.

Diante deste contexto de modernidade líquida, o indivíduo é convidado a olhar de forma diferente para as variadas situações que o cercam, e assim, poder encontrar algo de bom nela.

À medida que se ama, cultivam-se virtudes para poder amar o outro. É ter a consciência de quem é, e ao mesmo tempo, reconhecer em si os limites e fragilidades que fazem parte da vida humana.

Para amar os outros você precisa amar a si próprio. Você só pode dar aquilo que tem. Isso é particularmente verdadeiro no caso do amor. Você não pode dar aquilo que não aprendeu nem experimentou. Como o amor não é uma coisa, ele não é perdido quando é dado. (Buscaglia, 1972, p. 111).

O autor é claro ao dizer que à medida que o sujeito oferece o amor, ele não o perde; em outras palavras, a partilha não diminui, pelo contrário, a partilha multiplica. O amor não deve ser um ato que torne o sujeito egocêntrico, mas, um ato de doação de si para o outro. O amor é diálogo: um diálogo entre um “eu” e um “tu”.

Fromm (1976) levanta alguns questionamentos a respeito do amor a si mesmo e do egoísmo; fatores importantes que fazem o indivíduo conseguir ter a capacidade de amar:

Sustenta a observação de haver uma contradição básica entre o amor por si mesmo e o amor pelos outros? É o amor por si próprio o mesmo fenômeno que o egoísmo, ou são opostos? [...]. Se é uma virtude amar o meu próximo, como ser humano, deve ser uma virtude amar a mim mesmo. [...]. O amor pelo meu próprio ser liga-se inseparavelmente ao amor por qualquer outro ser. [...]. O egoísmo e o amor-próprio, longe de serem idênticos, são efetivamente opostos (Fromm, 1976, p. 85-86 e 88).

Para o autor, o egoísmo é um ponto muito forte e importante para relacionar consigo. A pessoa egoísta só se interessa por si mesma, tudo quer para si e não sente prazer em doar. As pessoas egoístas são incapazes de amar os outros, mas também são incapazes de amar a si mesmas.

Para Dalbosco (2015), se o amor próprio não for vivido de maneira sábia, brotar-se-ão indivíduos completamente egoístas, com uma grande incapacidade de viver a solidariedade com o outro. É uma variante negativa no campo do relacionamento consigo, um lado ruim; quando uma pessoa se ama de maneira equivocada e erroneamente se torna um amor pesado e possessivo.

De acordo com Buscaglia (1972), o ser humano ama a si próprio quando vê com precisão a sua integridade, a sua personalidade ou individualidade que o compõe, mas, está sempre em desafio em descobrir as possibilidades que habita em si e do que pode vir tornar a ser. Cada pessoa é diferente, cada um tem a sua singularidade. No entanto, ao invés de aceitar o desafio e viver a beleza de cada individualidade humana, em geral, tem-se medo dela. Sendo assim, relacionar consigo tendo um amor em si, implica viver as descobertas do que habita no próprio sujeito, como também, viver as maravilhas de cada um.

Diante desta realidade da modernidade líquida, todos são convidados a descobrir a sua individualidade, a personalidade, ou melhor dizendo, descobrir a pessoa⁴ que habita em si próprio. No entanto, dentro desta sociedade e da cultura que a compõe, as pessoas são instigadas a ter um modo de vida egocêntrico e, aquilo que descobre como virtude em si para colocar em solidariedade a serviço do outro, é convidado a morrer-se com ela. A sociedade atual não ensina a partilha dos dons e talentos que compõem o ser humano.

Segundo os autores Schlösser, Dalfovo e Delvan (2012), o amor é um elemento importante na vida das pessoas e, ao mesmo tempo, na experiência humana relacional, sendo que estas estão sempre em busca deste amor, como uma forma de saciar a fome e a sede para a sua humanidade, é natural que no anseio o ser humano busque aquilo que lhe falta para preencher-se. O amor faz parte da vida das pessoas e tem uma força atuante dentro da sociedade.

De acordo com Fromm (1976), o amor é visto como uma arte, que precisa de conhecimento, disciplina e esforço para ser desenvolvido na prática. É mais do que sentimentos e emoções; o amor sujeita-se em atitudes e faz-se necessário atitudes para se amar.

Neste contexto de se amar, Bauman (2004) diz que o amor próprio é algo que protege o ser humano. São muitos os desafios que se enfrenta no decorrer da vida e durante esta modernidade líquida, principalmente no que envolve os relacionamentos humanos. O ser humano é afligido por todos os lados, em variadas situações que tiram a sua dignidade. O relacionar consigo, embasado no amor próprio, é uma forma de preservar na própria pessoa a dignidade que lhe pertence ou, se for o caso, de resgatá-la.

Para o autor acima, a pessoa que busca viver a sua vida, mas, de alguma forma ataca e maltrata o outro ser humano, nega a dignidade e os valores que habita nele próprio, correndo o risco de matar a sua própria humanidade. Podendo explicar de uma maneira mais branda: corre o risco de se ferir a cada momento que fere o outro, mata-se aos poucos a cada momento que mata um pouco do outro.

Sendo assim, o amor próprio dentro do campo do relacionamento consigo é o meio para se conhecer, fazendo dele o primeiro passo para poder relacionar com o outro e com a sociedade.

2.2. O relacionamento familiar

De acordo com Davis (1964), a primeira característica da estrutura da família que se deve ter em mente é a sua constituição biológica. Isso, no entanto, não quer dizer que a família é determinada pelo instinto, ou que seja algo mais natural que os outros grupos institucionais. Significa que seus membros são relacionados entre si pelo processo da reprodução e que tal

⁴ Conforme Hubert Lepargneur, “pessoa, resumidamente, é o indivíduo consciente, dotado de corpo, razão e vontade, autônomo e responsável”. Enviado por e-mail como material de estudo pela professora doutora Isabel Pimenta Hernandes, no dia 12/11/2020.

relação serve de base para a definição social do grupo e a determinação dos direitos e deveres entre seus membros.

Para o autor, a esta interligação biológica dá-se o nome de consanguinidade e ao seu reconhecimento social de parentesco. A família é um grupo de pessoas cujas relações recíprocas se baseiam na consanguinidade e que são, portanto, parentes entre si. O que distingue a família é a intimidade da ligação biológica.

De acordo com Oliveira (2009), a família vai sendo construída por meio de uma trajetória social e histórica e nas quais a família passa por profundas e grandes mudanças, seja entre seus membros internos, como também, pelos comportamentos e normas da sociedade externa.

Segundo Lévi-Strauss (1986, *apud* Oliveira, 2009), é por meio do contexto social e época que a família é edificada, fazendo com que a vida familiar passe a assumir formas específicas de convivência, evidenciando assim que a família não é uma instituição natural, mas é socialmente construída de acordo com as normas culturais da atualidade.

A família é a base e o primeiro refúgio do ser humano quando este se sente ameaçado pelas circunstâncias da sociedade moderna e do Estado; é o lugar onde se encontra a fortaleza e, recruta as forças e energias para poder viver e superar os desafios que a vida e a sociedade lhe apresentam.

No entanto, os cônjuges têm um papel importantíssimo para promoção integral da família, principalmente no contexto atual de uma modernidade líquida. De acordo com o Papa Francisco (2016), é preciso valorizar mais o diálogo entre os esposos, para que possam contribuir para uma humanização dentro da família. O diálogo é sempre um caminho de solução. Os conjugues devem priorizar essa virtude primeiramente entre eles, pois só assim, conseguirão alcançar um relacionamento familiar integral.

A família, inserida no contexto social e vivendo nesta modernidade, tem suas relações interiores influenciadas pelas mudanças que ocorrem no contexto exterior. Pode se tornar um grande problema quando seus integrantes não conseguem separar, de forma sábia e prudente, o tempo de cada realidade a ser vivida.

Para Dom Waldemar (2008), é necessário que tenha na família uma estrutura mínima de princípios e regras de vida. É um exercício disciplinar pessoal e comunitário, que se faz necessário para o crescimento de cada membro e de toda família, buscando o bem comum. Toda pessoa nasce em uma família donde, recebe as suas influências e, por consequência, influenciará outras pessoas e outros meios. Dá-se aqui, a importância dos bons princípios e regras para a educação de cada pessoa.

Segundo o Papa Francisco (2016), um dos aspectos que mais diminui o laço familiar é o individualismo. Essa ocasião gera para todos um grande isolamento e, ao mesmo tempo, discussões acerca dos bens materiais. A valorização exacerbada sem a assertiva sabedoria é uma grande questão a ser trabalhada na família. Percebe-se o quanto está diminuindo o convívio familiar justamente pelo trabalho excessivo dos cônjuges. Acordam cedo, não tem o horário das refeições juntos e voltam à noite, cansados e estressados.

Dentro deste contexto e de uma realidade moderna, Oliveira (2009) argumenta;

Marcada pelo ritmo acelerado do capital, a família pode reproduzir, em seu interior, o individualismo e a competição, frutos da modernização da sociedade, podendo, neste contexto, haver o predomínio do interesse individual sobre o coletivo, desfigurando o entendimento de que a família deveria ser local onde o coletivo predominasse sobre o individual (Oliveira, 2009, p. 26).

É preciso considerar o crescente perigo quando um individualismo exagerado se torna causa de formação e vivência na família. Esse modo de viver desvirtua os laços significantes e verdadeiros, tornando cada membro isolado e fazendo prevalecer, em certos casos, a ideia de um sujeito que constrói a família segundo os seus próprios desejos.

De acordo com Dom Waldemar (2008), no relacionamento conjugal, além de um bom diálogo, se faz necessários o amor e o perdão sempre, mesmo quando há dificuldades e discussões no relacionamento, pois, cada pessoa é um ser misterioso feito de “barro”. Ao escolher viver ao lado de outrem, por meio da liberdade individual, tem que estar consciente que esta decisão implica renúncias, aceitações e doações para a construção harmoniosa de uma verdadeira intimidade. O casamento é a busca de unidade de um homem e uma mulher, devendo ambos alimentá-la sempre com humildade e aceitação mútua, para superar as dificuldades vindouras.

Portanto, a família humana, para crescer em todas as dimensões, combatendo a degradação moral e a corrupção geral da pós-modernidade, precisa se restaurar no Matrimônio Cristão, através da graça sacramental, do diálogo paciente e do amor-serviço. (Dom Waldemar, 2008, p. 28).

Para Cervený e Berthoud (2001, *apud* Pratta; Santos, 2007), a realidade conjugal dos pais e dos filhos encontra-se em momentos diferentes e que são muitas vezes de transformações. Enquanto os pais se encontram em uma fase de questionamentos profissionais e pensando no futuro da família, os filhos, de acordo com a fase a ser vivida, estão em busca de respostas, fazem questionamentos acerca de valores e regras, se perguntam o que querem para vida, se deparam com o momento do namoro, do gostar e das paixões e, conseqüentemente, as descobertas de si e de suas potencialidades. Há um grande cuidado a ser tomado durante as variáveis fases deste percurso para que a educação dos bons valores, o diálogo, a proximidade e o amor, nunca se percam de vista.

De acordo com Azevedo, Cia, Espinazola (2019), o bom relacionamento conjugal para com os filhos é de tal modo importante e benéfico que influencia no desenvolvimento socioemocional, como também nos comportamentos individuais dos filhos. Quando os filhos vivenciam frequentemente conflitos destrutivos que dizem respeito unicamente a intimidade conjugal, podem trazer fatores de riscos a eles a longo prazo, desenvolvendo traumas, bem como sentimentos de revoltas e independência.

Para as autoras acima, o nascimento de uma criança pode ocasionar problemas no relacionamento conjugal e em toda extensão familiar quando estes não estão preparados para formar uma sólida família.

Diante deste contexto, percebe-se que a realidade é marcada muitas vezes pelo nascimento de uma criança enquanto os pais encontram-se na fase da adolescência, na busca dos prazeres. Neste sentido, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2020)

ênfatiza que mais de 434,5 mil adolescentes se tornam mães no Brasil⁵ todo ano. É uma preocupação, pois, percebe-se que nem sempre estão preparadas para formar uma família e, a partir deste momento, em muitos casos, a mãe se torna mãe-solteira, ênfatizando ainda mais esta sociedade líquida e a fluidez dos relacionamentos. Sendo assim, o relacionamento familiar nesta fase da adolescência vai se tornando frágil, tendo consequências na educação dos filhos e em toda extensão familiar.

2.3. O relacionamento com o outro

Vive-se em um tempo, no qual os relacionamentos são instáveis e muitas vezes não duradouros. Cada vez que a humanidade avança em conceito de modernidade, avança-se também, para a fluidez dos relacionamentos. Essa fluidez se dá pelo fato de muitas vezes o ser humano ser tratado como objeto de consumo pelo outro.

De acordo com Rosa (2017), o ser humano é “cercado” por diversas opções de escolhas, nas quais, quando termina um relacionamento começa-se outro em seguida, sem dar oportunidade à pedagogia do tempo. No entanto, com tantas opções de escolhas, dentro da liberdade, a angústia se faz presente pelo fato de estar ao lado de alguém que não preenche o seu ser, mas, apenas o seu tempo.

Neste sentido, o relacionamento se edifica não naquilo que a pessoa é, mas naquilo que gostaria que ela fosse, idealizando, assim, o indivíduo. Para a autora acima, existe uma predominação do “ter” e não do “ser” nos relacionamentos humanos, principalmente no campo afetivo.

Segundo Vidal (1979), o valor moral da pessoa está constituído, e deve apresentar-se assim, em uma dimensão crítica de toda manipulação que existe no homem diante da sociedade, constatando o valor moral, ético e a dignidade do ser humano que são invioláveis. A sociedade não deve acomodar-se diante de uma realidade que subjuga e ultrapassa os limites do respeito humano.

De acordo com São João Paulo II (1995), ao ser humano foi dada uma dignidade sublime, que tem as suas raízes na ligação íntima que o une ao seu Criador: nele, brilha o reflexo da própria realidade de Deus. A dignidade que subsiste no homem ninguém tem o direito de violá-la. O respeito ao outro deve ser a centralidade e princípio para todo relacionamento humano, para que, seja prevalecida e assegura a dignidade que nele existe.

Diante de uma realidade, na qual os relacionamentos muitas vezes são líquidos, o ser humano perde o valor de pessoa e de dignidade que o compõe. São transformados em sujeitos-objetos que, quando não estão mais dispostos a estar ao lado do outro, por causa das limitações próprias do ser humano, “descarta-o” com muita facilidade, como se fosse um fluxo de mercadoria.

⁵ Cerca de 66% dessas gestações não são planejadas e 75% dessas mães de 11 a 16 anos abandonam a escola. O abandono escolar aumenta a mortalidade infantil, gera pobreza e se torna um ciclo vicioso que precisa, de alguma maneira, ser abordado. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/fevereiro/campanha-visa-reduzir-altos-indices-de-gravidez-precoce-no-brasil>>. Acesso em: 02/06/2021.

Diante disso, pode-se perguntar com muita sinceridade e clareza: em meio às limitações do outro, das fraquezas e de seus erros, até onde eu consigo ter a resiliência para suportar o outro? Não um suporte qualquer, construído em murmurações, mas um suporte edificado no amor e na paciência. Até onde eu consigo permanecer ao lado do outro no amor, apesar de tê-lo feito grandes erros e ter magoado o coração?

A palavra permanecer é muito forte e significativa. Não é toda pessoa que tem essa capacidade, mas todos podem ter. Permanecer é um ato de virtude e de resistência diante desta sociedade que é líquida; de conseguir enxergar no outro o lado bom apesar de tudo que tenha feito. Quando o casal, prontos para receber o Sacramento do Matrimônio, juram a fidelidade e a permanência na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, até que a morte os separe. Permanecer em todas as circunstâncias, porque o amor salva, une e, é dom de Deus.

Durante o relacionamento com o outro é importante reconhecer que, as mudanças que pretende ter deve começar pelo próprio sujeito amante. De acordo com Pombo (2005), um dos maiores erros do ser humano é pensar que os outros deveriam adaptar-se às necessidades e desejos do sujeito amante. No entanto, a melhor política para mudar o outro e conseqüentemente um relacionamento é começar por si próprio, pelos comportamentos e linguagens; a mudança partindo de si e não do outro, pois, talvez o outro esteja esperando algo de você.

2.3.1. O diálogo como ponte de relacionamento

Um dos importantes meios como resposta aos desafios e para a permanência do relacionamento afetivo, como também amigável, é o diálogo⁶; nele, há uma quebra paradigmática diante desta sociedade que é fluída, sendo uma verdadeira ponte entre duas pessoas, ou mais, para que o relacionamento caminhe saudável.

De acordo com Hernandez (2010), o diálogo é uma conversa especial entre dois ou mais agentes humanos, e deve haver circunstâncias adequadas para a concretização do mesmo, como: ambiente adequado, tempo suficiente, respeito mútuo e boa vontade. Pode-se perguntar: qual é o método que deve ser empregado para a realização do diálogo? O melhor a se dizer é que, ele se deve desenvolver dialeticamente, isto é, com o acolhimento e a problematização das opiniões antagônicas. A crença no valor da explicitação de uma tese (afirmação) e na antítese (negação) é que permite conceber a possibilidade e a eficácia do diálogo.

Para a autora acima, todos nascem necessitados do “outro”, tendo uma vã e pequenina ilusão que leva a uma crença de autossuficiência. Por meio do diálogo, pode-se abrandar os sofrimentos humanos, mudar o rumo da existência e impede de cometer alguns desatinos que podem ser irreversíveis.

Para Anderson (2016), o diálogo é um processo dinâmico e gerador, e a transformação que ocorre por meio dele é a marca principal. O diálogo é sempre aberto e nunca finalizado, pois,

⁶*Diá* (através) e *Logos* (palavra). Enviado por e-mail como material de estudo pela professora doutora Isabel Pimenta Hernandez, no dia 15/07/2020.

todos estão em constante mudanças e em contato uns com os outros e, com o mundo ao redor. O ser humano é um ser relacional que se concretiza por meio do diálogo.

O diálogo promove em seus participantes um senso de mutualidade, isto é, respeito genuíno e interesse sincero em relação ao outro. Quando uma pessoa está envolvida em diálogo, como na terapia, cada participante contribui com sua voz, o que gera um senso de pertencimento e autoria. Cada participação contribui para o que está sendo criado e, por sua vez, leva a um senso de responsabilidade compartilhada. O diálogo requer um interesse sincero no(s) outro(s): acreditando realmente que nunca podemos conhecer plenamente os outros e suas situações (Anderson, 2016, p. 50).

A realidade atual sugere-nos uma convivência sem abertura ao diálogo, com isso os relacionamentos humanos tornam-se pesados, estressados e com temperamentos difíceis. Porém, por ele tudo se resolve, seja da forma esperada ou não, no âmbito pacífico e conciliador. Por meio do diálogo há uma troca de informações, de opiniões, exposição de motivos e revelação de sentimentos entre os agentes humanos. O diálogo é sempre um convite para o encontro com o outro, para ouvir, acolher, refletir e argumentar.

Para Hernandes (2010), o diálogo é uma vocação concretizada no íntimo do homem para ir ao encontro do outro, compartilhando os sofrimentos, desafios, como também, as alegrias e esperanças.

CAPÍTULO III

CAMINHOS COMO POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO E SUPERAÇÃO

Neste último capítulo, o presente trabalho aborda três tópicos no que diz respeito aos caminhos como possibilidade de crescimento e superação diante de tudo o que foi apresentado: o sentido da vida como motivo de superação; o amor na perspectiva cristã e a espiritualidade como meio de crescimento.

Quanto ao primeiro tópico, respectivamente, o trabalho fala sobre o sentido da vida sendo a principal busca do ser humano, de modo consciente, para que ele não se perca e nem se frustrate; todos querem encontrar ou ainda, descobrir a resposta de qual é o sentido da vida, no entanto, não se recordam que este sentido se encontra nas realidades que cercam o sujeito.

O segundo tópico trabalha o amor na dimensão cristã, baseando nos amores *Philia*, *Éros* e *Ágape*. Este último, poderá abranger todos os relacionamentos humanos e, ele, é a principal virtude e dom a ser conquistada para o crescimento humano e de superação diante de todas as situações desta modernidade líquida.

E, o terceiro tópico está embasado nos caminhos de superação para que o indivíduo enfrente e supere as diversas situações da vida, entre elas, a enfermidade, sendo a espiritualidade um instrumento de melhora para a saúde.

3.1. O sentido da vida como motivo de superação

O ser humano, desde sempre e na sua mais íntima essência do ser, procura entender a vida e encontrar um sentido permanente a ela. O ser humano sempre teve fome e sede de encontrar um sentido para tudo aquilo que vive, inclusive nas realidades mais difíceis. Quando se propõe a encontrá-lo perante uma realidade, como no luto por exemplo, começa a encontrar razões para entender que a beleza da vida e o ato de viver sobrepõe à dificuldade e, a partir dessa compreensão e da pedagogia do tempo, a vida vai retomando seus caminhos e, conseqüentemente, o coração ficando mais leve.

A superação de um sofrimento está no momento em que o sujeito encontra um sentido para aquilo que está vivendo. Jamais deve-se esquecer de que pode descobrir um sentido na vida quando ver-se diante de uma situação “sem esperança”, sem nenhuma ajuda ou mesmo, quando se enfrenta um destino que não pode ser mudado. O que realmente importa é dar testemunho do potencial humano e transformar o sofrimento em um triunfo pessoal, neste sentido, o sujeito é estimulado a mudar primeiramente, a si próprio.

De acordo com Kraus; Rodrigues e Dixe (2009), não se trata apenas de responder meras perguntas como “vale a pena ou não viver a vida?” ou, afirmações do tipo “só se vive uma vez, então tem que aproveitar!” e nem ficar preso a essas afirmações, mas, dar-lhe uma resposta diária à sua vida.

Para as autoras acima, dentro do campo da existencialidade humana, encontra-se também a dimensão espiritual na esfera religiosa, como fonte essencial para encontrar o sentido da vida. Durante este momento, ou seja, uma prática desértica, existe a oportunidade de

mergulhar no mistério das realidades que envolvem o sujeito, por meio do recolhimento, silêncio, oração ou uma meditação bíblica chamada *Lectio Divina*⁷.

De acordo com Medeiros (2019),

Concretizar o significado da vida e atribuir-lhe um valor é fundamental para a existência, mas pode chegar a ser um desafio, quando as dimensões psicofísicas do homem, se sobrepõem a sua existência, isto é, quando o ser espiritual não é ativado. É, portanto, na dimensão espiritual ou noológica, que o homem pode se auto distanciar dos limites da dor, as perdas, as angústias, que a doença provoca e outorgar um sentido a sua vida apesar do sofrimento (Medeiros, 2019, p. 80).

Atribuir um sentido para as variadas situações é ter a capacidade de entendê-la em seu todo, só assim poderá alcançar a sabedoria e o discernimento para tomar as decisões mais assertivas para o momento.

Segundo Frankl⁸ (2005), o sujeito precisa ter o desejo da busca pelo sentido ou a vontade de sentido, sendo esta, a motivação primária do ser humano em sua vida e, para isso, é preciso acreditar, valorizar e se empenhar no potencial humano, que todos têm; se não edificar a crença nestes requisitos, a busca pelo sentido poderá ser desviada e, com isso, irá valorizar o lado negativo e ruim, que também tem seu espaço na vida humana. Se uma realidade vai mal e não fizer o melhor que pode para mudar e progredir, as circunstâncias poderão piorar.

De acordo com Frankl (2011, *apud* Medeiros, 2019), essa vontade de sentido, é que conduz o homem a uma razão para ser feliz, por meio do que alcança e das conquistas, tendo consequência a realização e a felicidade. E essa felicidade não deve ser objeto de preocupação quando há uma razão para ela. Não é a felicidade ou a realização que devem ser procuradas, mas a motivação, que o leva a buscar determinada realização; sendo assim, a realização é resultado de uma motivação para a busca do sentido.

Segundo Aquino e Oliveira (2020),

A vontade, nessa perspectiva, não significa um voluntarismo. O fenômeno da vontade de realizar um sentido na vida emerge à medida em que o ser humano capta, na sua relação com o mundo, valores e sentidos que são apreendidos nas vivências existenciais. Para tanto, compreende-se o ser como aberto para algo ou alguém no mundo, fenômeno denominado de autotranscendência (Aquino; Oliveira, 2020, p. 04).

Segundo Frankl (2005), a satisfação como a frustração poderão ser encontradas nas necessidades mais básicas e simples do homem, e elas podem provocar a busca por um sentido. Com isso, o autor afirma que o sentido da vida e de uma determinada realidade é independente

⁷ A *Lectio Divina* é uma expressão latina já presente e consagrada no vocabulário católico, que pode ser traduzida como "leitura divina", "leitura espiritual", ou ainda como ocorre hoje em nosso país e em vários escritos atuais, como "leitura orante da Bíblia". Ela é um alimento necessário para a nossa vida espiritual. A partir deste exercício, conscientes do plano de Deus e a Sua vontade, pode-se produzir os frutos espirituais necessários para a salvação.

Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/a-lectio-divina/>>. Acesso em: 06 de set. de 2021.

⁸ Viktor Emil Frankl (1905 - 1997) nascido em Viena, na Áustria, foi um neuropsiquiatra e fundador da terceira escola vienense de psicoterapia, a [Logoterapia e Análise Existencial](#). Viktor Frankl ficou mundialmente conhecido depois de descrever a sua experiência dramática em quatro campos de concentração nazistas. Ele criou a primeira ciência especializada no sentido da vida.

do grau das necessidades humanas, ou seja, poder-se-á encontrar sentido em uma situação simples, humildade, como também, em uma exorbitante.

Para o autor acima, o sentido não pode ser separado do contexto vivencial, pois são nelas que o sujeito está inserido, e isso é precisamente o que é feito pelo reducionismo e pelos pessimistas. No entanto, mesmo o sentido sendo único, eles também são mutáveis e com isso, a vida jamais deixa de ter o seu sentido.

Diante deste tempo tão corrido e, ao mesmo tempo, uma sociedade que é lapidada pela espontaneidade e influenciada pela modernidade líquida, percebe-se que o ser humano vive cada vez mais uma vida sendo gerada pelo supérfluo, consequência de não procurar uma profundidade e um sentido para aquilo que se vive.

De acordo com Medeiros (2019), viver é um verbo que se realiza de forma subjetiva, donde cada pessoa terá sua própria experiência de vida, de como viver e por que viver. A vida trará as experiências singulares e, partir delas, encontrar o sentido para depois não se frustrar. Um dos pontos principais está neste alicerce: se frustra menos, aquele que encontra um sentido naquilo que está fazendo e vivendo.

Para Martuccelli (2016), o amor também confere sentido a nossa existência e, na ausência dele, o vazio existencial torna-se presente; a felicidade e a realização estão edificadas no amor. O amor, por ser uma experiência a ser vivida, assume realidades diferentes de acordo com as pessoas, no entanto, é preciso decisão, renúncia e coragem para vivê-lo. O amor se tornou um dos grandes ideais contemporâneos, pelo qual, muitas pessoas estão dispostas a morrer por ele. As pessoas estão dispostas – ou dizem estar dispostas – a morrer. Não é pouca coisa.

Segundo Buscaglia (1972), cada pessoa vive o amor em seu modo limitado de ser, dentro das capacidades que lhe são atribuídas e, com isso, não parece ser justo relacionar as dificuldades e a solidão com a falta de conhecimento sobre o amor. O tempo é outro e os recursos são outros. Amar dentro das capacidades que lhe confere é também um modo de encontrar o sentido da vida com muita sabedoria.

A globalização avançada, juntamente com a busca incessante de realização humana veladas na superficialidade, faz com que o sujeito perca o horizonte de sentido; cada vez mais o ser humano é atraído por questões de entrosamento na sociedade. Ser classificado como “digno ou indigno” devido aquilo que se tem é rebaixar a tal ponto a dignidade humana. Nestes casos, é preciso ter muita sabedoria e prudência para perceber que a felicidade, assim como as pérolas, se esconde em conchas frágeis. Se deixar levar pelos requisitos de aprovação desta sociedade líquida, é bem provável que o vazio existencial visite o coração, velado como realização.

3.2. O amor na perspectiva cristã

O amor sempre será o remédio de cura, como também, o melhor caminho para melhorar a sociedade. Humanizar a partir do amor é dar passos concretos sem ilusões, porque o amor não engana. A educação no amor tem que ser começada desde os pequenos passos, para que ninguém perca de vista esta virtude.

Cencini (1997) aborda como exemplo o mito Narciso e Eco de uma forma para que se compreenda o amor. O Eco é a nossa própria voz, sentimentos, atitudes que, uma vez manifestado retorna ao sujeito e ecoa novamente e, Narciso é a pessoa que não gritava na caverna e com isso, não retornava a ele o que proferiu, ficava angustiado por desejar amar algo que não foi manifestado:

É o amor dado que se torna, por sua própria natureza, amor recebido. Assim, se Narciso pudesse ou soubesse dizer “eu te amo”, Eco teria repetido essas palavras e afirmado a si mesma e ao seu amor a Narciso. A incapacidade de dizer essas palavras identifica o narcisista como a pessoa que não sabe amar primeiramente, que não sabe tomar a iniciativa para dar amor e, assim fazendo, não dá ao outro a necessidade de existir, de afirmar a si mesmo e ao seu amor. Somente o ato de amor amante (o ‘te amo’ de Narciso), dá a certeza de ser amado (o ‘te amo’ repetido por Eco). (Cencini, 1997, p. 173).

Segundo Cencini (1997), somente quem renuncia a si mesmo e se doa no amor às pessoas encontra a si mesmo e dá sentido ao outro. Do contrário, sufoca na prisão do egoísmo, como Narciso, quando nega o próprio amor e a incapacidade de amar.

Desde sempre, mas principalmente nesta atualidade com tantas situações acontecendo, nunca o ser humano sentiu o desejo tão forte de se sentir amado, no entanto, não manifesta este amor para depois retornar. Basear os relacionamentos humanos no amor a partir de uma perspectiva cristã é deixar ser modelado pelos ensinamentos de uma Pessoa, Jesus Cristo, que foi divino e, ao mesmo tempo, humano. Nenhum ensinamento D`ele se opôs ao amor, mas todos estavam edificados nele.

Jesus mostra-nos que o amor é o verdadeiro caminho e é por meio dele que o processo de transformação começa. Todos querem amar e sentir-se amados. Com isso, é preciso ter em mente que só é possível oferecer ao outro aquilo que já possui, ou seja, para doar o amor é preciso antes que se ame, para ensinar sobre o amor, é preciso que antes o tenha compreendido; é uma regra básica da vida e dos relacionamentos humanos.

Para o Papa Bento XVI (2005), o amor não é apenas um sentimento, pois os sentimentos vão e vêm, eles podem até ser a gênese, mas não a totalidade do amor. O amor é mais que isso, ele abrange todas as dimensões do ser, mesmo com as limitações presentes em cada um. É próprio da maturidade do amor abranger todas as potencialidades do homem e, incluir por assim dizer, o homem na sua totalidade.

Segundo o Papa, Deus é amor e Deus não ordena um sentimento que não possa ser suscitado em nós próprios, com isso, deixa-se claro que para o ser humano é possível realizar o ato de amar, mesmo com toda a sua limitação e fraqueza. Ele nos ama e faz-nos ver e experimentar o Seu amor, e desta antecipação de Deus, pode, como resposta, despontar também o amor em cada ser humano. O amor aos irmãos é resultado do amor de Deus a cada um de nós.

De acordo com Pagola (2014), o ser humano deveria espelhar-se no amor de Jesus Cristo, um amor que não busca a destruição de ninguém, mas que é acolhedor, perdoador, que não responde a injustiça com a injustiça, mas com o amor e, sobretudo, amar os inimigos, isto

é, as pessoas que geralmente não gostaríamos que fossem amadas ou estar por perto. Amar os inimigos é o grande desafio da sociedade atual, pois nela está edificada o capitalismo, o individualismo, como também, o ódio e os rancores.

O autor acima é muito claro quando argumenta que Jesus não apresenta o amor ao inimigo como uma lei universal, mas a partir da experiência da criatura com o Criador, contempla-se este amor e devolve-o aos inimigos, como resultado do grande encontro. Este encontro instiga no ser humano o desejo de estar nesta presença de Deus, para que se pareça com Ele, sendo uma maneira de destruir o ódio entre os irmãos.

Pagola (2014) argumenta que é preciso esforço para amar, pois é preciso se dispor do ódio, superar os ressentimentos para bendizer e fazer o bem. O autor defende que o amor de Jesus não é apenas um sentimento de afeto ou carinho para quem fez o mal, porque o outro continuará na lembrança como uma pessoa que o prejudicou, mas é algo mais profundo, amar os inimigos é de modo concreto e desafiador, pois é preciso despertar no coração humano o esforço de amar aqueles que nos custam amar, rezando por eles, pensando em seu bem e contribuir para que viva melhor e de maneira mais digna.

De acordo com Grun e Muller (2012), Deus é amor, é dinâmico e não estático, porque coloca o ser humano em movimento para vivê-lo e amar as outras pessoas. O amor estimula e move o ser humano. O amor de Deus quer ser vivido e praticado; Deus sai de si para encontrar a nossa humanidade. O ser humano deve buscar ser totalmente amor, mesmo que caminhe erroneamente por seus limites e erros e, que muitas vezes, busca ilusoriamente Deus em realidades que não convém, sendo que, só no amor O encontramos.

Segundo Cencini (1997), o amor cristão se baseia na gratuidade, em não esperar nada em troca, é um amor livre e gratuito, espelhado em Cristo.

A gratuidade é e expressa a verdade do amor de Deus, mas também do amor humano. O verdadeiro amor, de fato, é aquele que suscita a reciprocidade, ou tende para ela, mas sem encontrar nela a sua raiz ou a sua medida. O amor gratuito vem antes da reciprocidade e, ao mesmo tempo, não se detém nela. Para se manter, uma relação deve brotar de um amor que sabe dar mais do que receber, ou pelo menos que esteja disponível nesse sentido. O amor que salvou o ser humano é um amor gratuito (Cencini, 1997, p. 273).

Para o autor, a beleza do amor consiste justamente na gratuidade desinteressada, própria de um espírito pobre. E nesse sentido, é verdade aquilo que Jesus disse: “há mais felicidade em dar do que em receber”.

De acordo com Brito e Sissi (2020), o amor está intimamente entrelaçado com a ética; um pilar importante para o convívio social e para a sobrevivência individual. A ética tem a sua importância, uma vez que, o ser humano não foi criado para viver solitário, mas precisa de alguma forma do outro, onde a vida será desfrutada pelos comportamentos adjacentes sociais. O ser humano é naturalmente um ser social e que tem a necessidade de estar em convívio com outros seres de sua espécie, para a preservação da sua saúde emocional, mental e física.

Para as autoras acima, há uma pergunta que os filósofos sempre fazem: como pode tornar-se melhor por meio da ética? Uma pergunta que questiona todo o ser e a sociedade,

querendo dizer que há sempre algo a fazer para melhorar. A ética deve visar sempre ao bem social, ao bem da alma, contribuindo sempre para o homem ser verdadeiramente bom.

Para o amor também não é diferente, o ser humano tem necessidade sentir-se amado, e ao mesmo tempo, de doar este amor, sendo ele, sempre um encontro social. Não há possibilidade de se amar e não querer amar o próximo, é nesta perspectiva que o amor é social. Nesse sentido, há três explicações sobre o amor, de acordo com Maia (2014):

3.2.1. O amor *Philia*

O amor *Philia* é o amor enraizado na amizade, criando laços afetivos sociais. É um amor desprezioso, amigável, não chegando ao seu ápice de doação de vida. Este é o tipo de amor que se vê no dia a dia, com as pessoas próximas e familiares, pois, não importa o quão distante estamos, ou o quão brigado estivermos, tudo converge para essa grande união e fraternidade.

O termo *philia*, originário do verbo *phileo*, geralmente é encontrado em palavras compostas sendo que sua ênfase principal está no “amor por um amigo ou irmão” [...]. *Phileo* é a palavra mais generalizada para “amar” ou considerar com “afeição”, denota principalmente a atração de pessoas entre si, quando estão estreitamente ligadas dentro e fora da família; inclui a “preocupação”, “cuidado” e “hospitalidade”, bem como o amor às coisas no sentido de “gostar de”. As ideias que se vinculam com *phileo* não têm ênfase claramente religiosa. Para este tipo de amor, a melhor tradução pode ser encontrada no termo português “amigo” ou “amor-amigo”. (Maia, 2014, p. 206-207).

3.2.2. O amor *Eros*

Já o amor *Eros* é empregado para descrever o amor de desejo, não só de homem com a mulher, mas também de qualquer objeto digno de ser possuído:

Dentro da composição deste amor, está implícito o desejo, o anseio e o anelo pela pessoa amada. Pode-se dizer que *eros* é o amor que deseja tomar posse. Certamente, esta é a palavra que mais abrange a sexualidade humana, podendo ser entendida como um amor em forma de paixão, ou seja, um sentimento totalmente envolvente. [...]. Porém, o *eros* que não está alicerçado no amor de Deus, no momento em que não se fizer presente, certamente deixará um espaço vazio (Maia, 2014, p. 207-208).

3.2.3. O amor *Ágape*

E para o amor *Ágape*, de acordo com Maia (2014), ele é um amor cristão, edificado na pessoa de Jesus Cristo, onde a caridade e a doação de si estão intimamente interligadas. Este amor não pode ser comparado em esfera alguma com as definições anteriores, pois ele é divino. O termo *ágape* indica a ideia de um amor caridoso, algo sentido independentemente do merecimento do objeto amado. Talvez a palavra “caridade” indique esta ideia, porém o termo “amor” em si, em sua forma incondicional, expressa o significado de *ágape*. Este amor não está embasado em algo físico, passageiro ou limitado, porque este amor sempre permanece, mesmo que o sujeito passe.

De acordo com Maia (2014), o amor *ágape* possui três ações principais na vida do ser humano:

A primeira ação que *ágape* desperta no ser humano é que o amor de Deus capacita o homem a amar até aqueles não mereceriam o seu amor, sejam eles criminosos ou pessoas as quais a sociedade como um todo rejeita. A segunda ação do amor *ágape* no homem pode ser percebida pelo fato de que o amor de Deus desperta no coração humano a necessidade de amar o próprio Deus. E a terceira ação que o *ágape* manifesta é a mescla da capacitação dada por Deus em amar qualquer pessoa e o amor que é destinado ao próprio Deus (Maia, 2014, p. 209).

É o verdadeiro amor, tendo sempre a possibilidade de ser alcançado; grandes pessoas conseguiram alcançar este nível de amor: Madre Tereza de Calcutá, Santa Dulce dos Pobres e, outros santos, que na sua humanidade pecadora, conseguiram elevar o amor ao mais alto nível de doação e entrega, mas também, mesmo que não consiga ser elevado aos altares da Igreja, todos são convidados a alcançar este nível de amor.

3.3. A espiritualidade como meio de crescimento

A sociedade está sempre convidando a fazer parte da moda e da pressa contínua e, muitas vezes, sente-se excluída ou incapacitada pelo fato de querer fazer o percurso contrário; o movimento da alma é diferente do movimento do mundo. A alma requer recolhimento e silêncio.

De acordo com Aquino e Oliveira (2020), a pandemia da COVID-19 durante os anos de 2020 e 2021, vivida pelo mundo, revela dois lados da humanidade: primeiro, um aumento contínuo no estado de ansiedade e, segundo, a oportunidade de crescer espiritualmente, aprofundando a fé religiosa em uma espiritualidade pessoal com Deus. Desta maneira, é possível perceber que a espiritualidade pode ser compreendida como recurso adequado para o enfrentamento da pandemia e de outras situações que envolvem a vida humana.

Atualmente, vive-se em um mundo extremamente globalizado e agitado, onde todos são convidados continuamente a viver sempre para fora, sem prestar atenção no interior e, conseqüentemente, corre-se o risco de perder a sintonia consigo mesmo. A espiritualidade pessoal, é um meio de crescimento que leva a um encontro consigo e, ao mesmo tempo, com o Deus que o habita.

De acordo com Henning-Geronasso e Moré (2015), a Psicologia colabora muito para a espiritualidade e é importante que o sujeito busque conciliar os dois métodos. A inclusão dos trabalhos clínicos de Psicologia na espiritualidade exige ao paciente e para o profissional, abertura ao desconhecido. Deve-se destacar que é importante que o profissional esteja familiarizado com as tradições religiosas para poder ajudar o indivíduo, no entanto, não pode haver generalização, pois o profissional e o indivíduo vivem de maneira muito específica e singular a espiritualidade.

Para as autoras, o profissional necessita desligar-se das ideias preestabelecidas para compreender qual o modo próprio de cada pessoa vivenciar sua religiosidade ou espiritualidade. Para Giovanetti (1999, *apud* Henning-Geronasso; Moré, 2015), ignorar a dimensão religiosa ou espiritual das pessoas que o procuram é deixar de atentar-se a uma oportunidade de ajudá-lo a se compreender melhor.

Segundo Miranda (2009), uma ajuda que também é necessária para o indivíduo é a direção espiritual. Ela adquire relevância da necessidade moral com vista ao crescimento

humano; a direção espiritual ocorre por meio do diálogo e constitui-se como uma ajuda instrumental para abrir o campo da liberdade e fazer com que muitos elementos do inconsciente surjam e se coloquem à disposição da consciência e da opção livre.

Para o autor, por meio do acompanhamento espiritual, o sujeito começa a construir a própria espiritualidade, tornando-a com o tempo um estilo de vida. Ao criar liberdade interior, usando as técnicas do diálogo aprofundador (direção espiritual), o indivíduo irá conscientizar e estimular a própria individualidade, alcançando a unidade mais profunda de seu ser, com um sentido a partir de dentro e com uma finalidade clara para fora.

A direção espiritual é necessária para superar os perigos da arbitrariedade e evitar as ilusões e enganos. É necessário ter a resiliência espiritual. O objetivo dessa dinâmica é ajudar a pessoa a ser cada vez mais humana, autônoma, autorresponsável, na posse mais plena possível de seu eu, discernindo qual é o melhor passo a ser dado no momento atual.

De acordo com Inoue; Vecina (2017), a espiritualidade envolve o domínio existencial, a essência do que é ser humano, direciona questões sobre o significado da vida, reflexão e a busca pessoal está relacionada com o transcendente ou o sagrado, não sendo assim, um sinônimo de uma doutrina religiosa e não necessariamente presentes em crenças ou práticas religiosas, ou seja, a espiritualidade pode estar ou não vinculada a uma religião.

Para as autoras acima, com estudos sobre a influência da espiritualidade na recuperação da saúde, argumentaram que os enfermos tiveram melhoras em quesitos clínicos, como também, na dimensão humana.

Com o objetivo de avaliar a relação entre o enfrentamento religioso e internações hospitalares, um estudo realizado nos Estados Unidos, com 93 pacientes adultos com hemoglobinopatia falciforme conclui que os participantes que possuíam um enfrentamento religioso positivo elevado foram associados à menores hospitalizações. Também, estudos demonstram que a espiritualidade e/ou religiosidade representa um fator de proteção contra alterações cardiovasculares, principalmente à hipertensão. O bem-estar espiritual está associado a níveis reduzidos de cortisol, menor glicemia de jejum, frequência cardíaca, frequência respiratória e pressão arterial sistólica e diastólica; sugerindo assim, potenciais benefícios cardiovasculares. (Inoue; Vecina, 2017, p. 128).

É importante salientar que o paciente deve ser compreendido em sua totalidade, sendo necessário ter uma visão ampla e completa de sua saúde - física, espiritual, emocional e em todas as suas dimensões - e, que aborde também as questões religiosas e espirituais, as quais podem repercutir positivamente sobre o seu tratamento e enfrentamento à doença.

De acordo com Inoue e Vecina (2017), a dimensão espiritual é retratada como atribuição significativa ao sofrimento de uma doença, e também como meio de esperança frente às variações do estado de saúde. Existe uma relação de melhora nos índices de saúde e bem-estar em pessoas que se consideram religiosas. A oração e o conforto emocional promovem melhora da saúde e as crenças religiosas podem alterar a percepção da doença.

E dessa forma, evidenciam que o envolvimento espiritual ou religioso se relaciona positivamente com o bem-estar psicológico, alegria, satisfação com a vida, maior expectativa de vida, melhor saúde e menor ansiedade e depressão.

CONCLUSÃO

O caminho percorrido até aqui, portanto, abordou acerca das reflexões dos relacionamentos que envolvem a vida humana, diante de tantas realidades presentes no mundo acarretada por uma modernidade líquida. Percebe-se que atualmente muitos relacionamentos se tornaram superficiais e líquidos, não conseguindo manter a forma dentro do tempo, ou seja, a solidez e perseverança no tempo presente.

Conclui-se que muitas situações que envolvem os relacionamentos, entre elas a tecnologia, muitos deles perderam os vínculos e a intimidade, acarretando muitas situações que podem ser vistas na atualidade. A sociedade atual, permeada de tecnologias, trouxe uma grande abertura para uma crise existencial e relacional, ou seja, ao mesmo tempo que aproxima, ainda se encontra distante. E por acreditar em uma aproximação virtual que satisfaça a existencialidade humana, cria-se um mundo líquido, flexível e instantâneo, e o indivíduo percebe que não está tão próximo de si e do outro o quanto desejaria.

Relacionar-se consigo é, antes de tudo, o primeiro passo para relacionar-se com as outras pessoas. Ele é sempre um convite para reconhecer o valor e a dignidade que habita em si próprio, tendo como base, o amor próprio. É muito importante que o indivíduo tenha a consciência da importância do seu bem-estar em todas as dimensões humanas. Nesse sentido, terá condições de conviver com o outro.

É por meio do contexto social e da época que a família é construída e edificada, fazendo com que a vida familiar passe a assumir formas específicas de convivência, evidenciando assim que a família não é apenas uma instituição natural, mas é socialmente construída de acordo com as normas culturais da atualidade.

A família é a base e o primeiro refúgio do ser humano. É o lugar onde se encontra a fortaleza e onde recruta as forças e energias para poder viver e superar os desafios que a vida e a sociedade lhe apresentam. A família é o bem maior de todo ser humano.

Com base no que foi trabalhado, conclui-se também que, apesar de tantos desafios, existem meios para que os relacionamentos humanos caminhem bem, entre eles o amor e a espiritualidade. São dois pilares fundamentais para a construção pessoal, familiar e social. Um relacionamento que não está construído no amor está propenso a terminar com o passar do tempo. O amor é ponte e não muro. O amor está à disposição de todos, basta querer vive-lo. Já a espiritualidade pessoal, torna-se um caminho para que o indivíduo conheça mais o seu ser, a sua essência, a sua intimidade e, consiga tomar as decisões mais assertivas para a vida.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Harlene. Algumas considerações sobre o convite ao diálogo. **Nova Perspectiva Sistêmica**, Rio de Janeiro, n. 56, p. 49-54, dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/240/252>. Acesso em: 12 jun. 2021.
- AQUINO, Thiago A. A.; OLIVEIRA, Valquiria G. Espiritualidade e sentido da vida no contexto da pandemia de COVID-19. **Caminhos de Diálogo**, Curitiba, ano 8, n. 13, p. 249-261, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/caminhosdedialogo/article/view/27628/24681>. Acesso em: 18 ago. 2021.
- ÁSSIMOS, Bruno Medeiros; PINTO, Marcelo de Rezende; AFONSECA, Suzana Melgaço. O consumo e suas articulações com os relacionamentos amorosos. **Rev. Ciênc. Admin.**, Fortaleza, v. 25, n. 3, p. 1-16, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rca/article/view/7604/pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- AZEVEDO, Tássia Lopes; CIA, Fabiana; SPINAZOLA, Cariza. Correlação entre o relacionamento conjugal, rotina familiar, suporte social, necessidades e qualidade de vida de pais e mães de crianças com deficiência. **Rev. bras. educ. espec.**, v. 25, n. 2, apr./jun. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382019000200205. Acesso em: 02 jul. 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BORGES, Martha Kaschny; AVILA, Silviane De Luca. Modernidade líquida e infâncias na era digital. **Cad. Pes.**, São Luís, v. 22, n. 2, maio/ago. 2015. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/3220/2053>. Acesso em: 05 fev. 2021.
- BRASIL. **Campanha visa reduzir altos índices de gravidez precoce no Brasil**. Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/fevereiro/campanha-visa-reduzir-altos-indices-de-gravidez-precoce-no-brasil>. Acesso em: 02 jun. 2021.
- BRITO, Karyne Lacerda; SISSI, Severina Alves de Almeida. Ética e amor numa perspectiva filosófica: Éros, Philos e Ágape. **Manancial: Ética & Direito**, v. 1, p. 103-113, 2020. Disponível em: <http://revistas.faculdadefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/558>. Acesso em: 18 ago. 2021.
- BUSCAGLIA, Leo. **Amor**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1972.
- CABREIRA, Luiz Antônio Sobreiro. Educação líquida: tecnologia e educação no século XXI. **Colloquium Humanarum**, v. 10, n. Especial, p. 905-910, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.unoeste.br/site/enepe/2013/suplementos/area/Humanarum/Educa%C3%A7%C3%A3o/EDUCA%C3%87%C3%83O%20L%C3%8DQUIDA%20TECNOLOGIA%20E%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20NO%20S%C3%89CULO%20XXI.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2021.
- CENCINI, Amadeo. **Por amor**: liberdade e maturidade afetiva no celibato consagrado. São Paulo: Paulus, 1997.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **A lectio divina**. [S. l.]: CNBB, 2010. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/a-lectio-divina/>. Acesso em: 06 set. 2021.

DALBOSCO, Claudio, Almir. Ambiguidade do amor-próprio e formação virtuosa da vontade. **Educação** (Porto Alegre, impresso), v. 38, n. 1, p. 147-156, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/16335/12762>. Acesso em: 10 jun. 2021.

DAVIS, Kingsley. **A sociedade humana**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964. v. 2,

DOM WALDEMAR, Chaves de Araújo. **A família no século XXI**. 4. ed. Belo Horizonte: Editora Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 2008.

FELCZAK, Eliton Fernando. A modernidade líquida e a vida humana transformada em objeto de consumo. *Vida Pastoral*, ano 56, n. 302, mar./abr. 2015. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/atualidade/a-modernidade-liquida-e-a-vida-humana-transformada-em-objeto-de-consumo/>. Acesso em: 03 fev. 2021.

FRANKL, Viktor Emil. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. 19. ed. Aparecida - São Paulo: Ideias e Letras, 2005.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1976.

GRUN, Anselm; MULLER, Wunibald. **Deus, quem és Tu?** Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

HENNING-GERONASSO, Martha Caroline; MORÉ, Carmem Leontina O. Ocampo. Influência da Religiosidade/Espiritualidade no Contexto Psicoterapêutico. **Psicol. cienc. prof.**, v. 35, n. 3, jul./sep. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ZYpkcHTjNccSTsH6TH7R5Sn/?lang=pt>. Acesso em: 26 ago 2021.

HERNANDES, Isabel Pimenta. Diálogo. **Revista Plural**, Universidade de São Paulo, n. 2, p. 18-19, 2010.

INOUE, Thais Martins; VECINA, Marion V. Arcuri. Espiritualidade e/ou religiosidade e saúde: uma revisão de literatura. **Espiritualidade e Sociedade**, 2017. Disponível em: http://espiritualidades.com.br/Artigos/i_autores/INOUE_Thais_et_VECINA_Marion_tit_Espiritualidade_e-ou_religiosidade_e_saude_revisao_de_literatura.pdf. Acesso em: 26 ago. 2021.

KESSLER, Cláudia Samuel. Novas formas de relacionamento: fim do amor romântico ou um novo amor-consumo? **Soc. e Cult.**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 363-374, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/703/70332866012.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2021.

KRAUS, Teresa; RODRIGUES, Manuel; DIXE, Maria A. Sentido de vida, saúde e desenvolvimento humano. **Revista Referência**, v. II, n. 9, 2009. Disponível em: <http://www.index-f.com/referencia/2009pdf/10-7788.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2021.

MAIA, Alberto dos Santos. O significado do amor: uma comparação contemporânea e teológica de sua ocorrência e significados. **Revista de cultura teológica**, PUC - São Paulo, ano XXII, n. 83, p. 195-212, jan./jun. 2014.

MARTUCCELLI, Danilo. O indivíduo, o amor e o sentido da vida nas sociedades contemporâneas. **ESTUDOS AVANÇADOS**, v. 30, n. 86, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/115086/112796>. Acesso em: 22 jun. 2021.

MEDEIROS, Angelica Yolanda B. B. Vale. **A percepção do sentido da vida para o paciente com câncer: um olhar logoterapêutico**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade federal Fluminense, Niterói, RJ, 2019. Disponível em:

<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/11103/1/Angelica%20Yolanda%20Bueno%20Bejarano%20Val%20de%20Medeiros.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021.

MIRANDA, Tomás Rodríguez. **A direção espiritual**: pastoral do acompanhamento espiritual. São Paulo: Paulus, 2009.

OLIVEIRA, Larissa Pascutti. Zygmunt Bauman: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida. **Sem Aspas**, Araraquara, v. 1, n. 1 p. 25-36, 1º semestre 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/6970/4996>. Acesso em: 08 fev. 2021.

OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra. **Contexto da família**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/965tk/pdf/oliveira-9788579830365-02.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus**: aproximação histórica. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PAPA BENTO XVI. **Deus caritas est**: aos Presbíteros e aos Diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o amor cristão. Roma: Editora Vaticano, 2005.

PAPA FRANCISCO. **Amoris Laetitia**: sobre o amor na família. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2016.

PAPA FRANCISCO. **Laudato Si'**: sobre o cuidado da casa comum. Roma: Editora Vaticano, 2015. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 15 fev. 2021.

POMBO, Ruthe Rocha. **Como lidar com pessoas difíceis... a começar por mim**. 10. ed. Aparecida - SP: Editora Santuário, 2005.

PRATTA, Elisângela M. Machado; SANTOS, Manoel Antônio. Opiniões dos adolescentes do ensino médio sobre o relacionamento familiar e seus planos para o futuro. **Paidéia**, v. 17, n. 36, p. 103-114, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a10.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2021.

ROSA, Katia Antônia Ferreira. O papel da família na modernidade líquida. *In*: **Simpósio do Mestrado em Ciências das Religiões**, v. 4, n. 2, 2017. Disponível em: <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/intotum/article/view/1648/1498>. Acesso em: 22 de jul. de 2021.

SÃO JOÃO PAULO II. **Evangelium vitae**: sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

SCHLOSSER, Adriano; DALFOVO Daniel David; DELVAN, Josiane D. da Silva. Um estudo sobre o amor: diálogos entre Sigmund Freud e Erich Fromm. *Psicol. Argum.*, v. 30, n. 70, p. 567-573, 2012. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20537/19787>. Acesso em: 12 jun. 2021.

VIDAL, Marciano. **Moral de atitudes 2**: ética da pessoa. Aparecida/SP: Editora Santuário, 1979.